

[Notas sobre uma Execução] [Danya Kukafka]

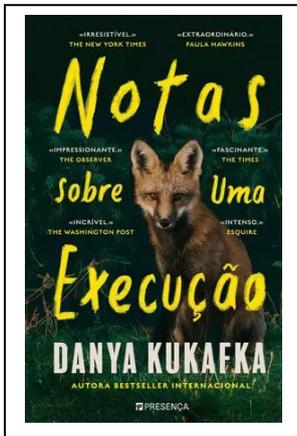


[Danya Kukafka] Biografia:

Autora bestseller da obra *Notas sobre Uma Execução*, além de romancista, Danya Kukafka é agente literária. Estreou-se na ficção em 2017, com *Girl in Snow*, também um êxito de vendas.

Nascida no Colorado, estudou em Nova Iorque na Gallatin School of Individualized Study e começou, depois, a trabalhar no mundo editorial, tendo passado pela Penguin Random House.

Sinopse de [Notas sobre uma Execução]

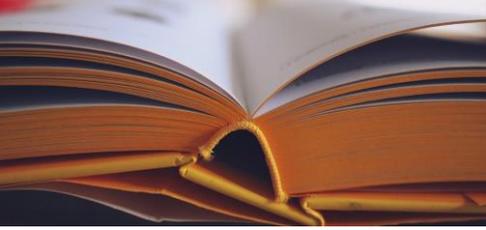


Sobram 12 horas na vida de um assassino de mulheres. Mas esta história não é sobre ele. É sobre as mulheres que ainda vivem.

Premiado e considerado o melhor livro do ano, na sua categoria, pelo New York Times, um falso thriller que parte da morte anunciada de um homem para se tornar uma grande história sobre mulheres e o que as liga.

Faltam doze horas para Ansel Packer ser executado. Se tem plena consciência do que fez, enquanto espera a morte - o mesmo destino que deu a várias mulheres, anos antes -, o que Ansel mais quer é ser entendido. Mas bastarão as suas palavras para realmente o compreendermos?

*A voz do assassino em série é, então, entrecortada pelo caleidoscópio de três mulheres - a mãe, a cunhada e a detetive que o prendeu -, e escutamos a história da vida de Ansel. Lavender, a mãe, tinha dezassete anos e foi levada ao desespero; Hazel, gémea da mulher do condenado, assistiu ao desenrolar daquela relação tóxica, que devorou toda a família; e Saffy, a detetive temerária que o encurralou, não consegue dar verdadeiro sentido à sua vida. À medida que o fim se aproxima, aquelas três mulheres refletem sobre as escolhas que culminaram em tragédia, hábil, subtil e verdadeiramente explorando as feridas abertas nas vidas de todos os participantes da história. Retrato do que é - ou pode ser - uma mulher, do que, afinal, nos liga a todas, *Notas sobre uma Execução* é um tecido criado lentamente, fio a fio, sobre uma tela de suspense e empatia, que põe em perspetiva o sistema de justiça, as ideias feitas sobre os assassinos de mulheres e o simplismo com que, amiúde, olhamos para os que chamamos culpados..*



'Notes on an Execution' é um tipo diferente de história de serial killer e brilhante

Tod Goldberg | Especial para os USA TODAY

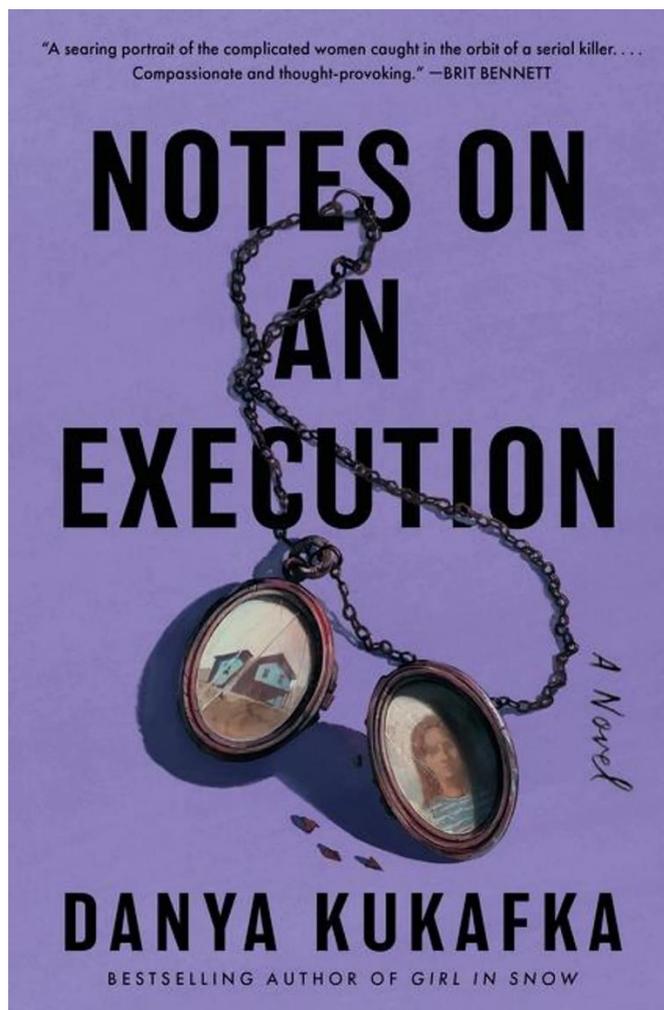
Não há mistério no cerne de “Notas sobre uma Execução”, o segundo romance poético e hipnotizante de [Danya Kukafka](#) (William Morrow)

O serial killer Ansel Packer está no corredor da morte por quatro assassinatos que sabemos que ele cometeu. Quando o conhecemos, ele conta as últimas 12 horas da sua vida, esperando por um adiamento do estado ou por uma fuga fantástica – nenhuma das duas parece ser uma possibilidade realista – enquanto também examina as escolhas que fez que o levaram ao destino final: “Deve ter havido um tempo... [um] tempo antes de ser assim.”

A verdade é preocupante: não há tempo. Packer sempre foi o homem que conhecemos. Quando criança, ele torturou animais, esfolou-os e exibiu-os. Ele era o tipo de miúdo que conhecemos muito bem na realidade e na ficção, o tipo que acaba sendo reconhecido por um único nome, como Dahmer, ou por um apelido horrível, como o Night Stalker. O nosso desejo de saber mais sobre esses homens – sempre homens – alimentou o entretenimento por muito tempo, mas principalmente desde a década de 1980, quando a representação de Hannibal Lecter por Thomas Harris em “Red Dragon” e depois, mais notavelmente, em “O Silêncio dos Inocentes”, ajudou a lançar um gênero macabro que se tornou mais lascivo e explorador das mulheres a cada ano que passava. A maioria dos serial killers não são charmosos e eruditos com motivações fascinantes. A maioria não tem motivação alguma. Raramente há um porquê. É essa ausência que é tão difícil para nós enfrentarmos.

É aqui que Kukafka toma sua primeira – e melhor – decisão: ela concentra a energia dramática do romance não em Packer, mas nas mulheres deixadas pela onda das suas ações. Estas não são as vítimas dos crimes de Packer de forma direta, mas sim as mulheres que vivem na sequência da sua existência. A sua mãe, Lavender. A irmã gémea da sua ex-mulher, Hazel. Saffron, uma jovem que morava com Packer num lar adotivo e mais tarde, como detetive, fica obcecada por ele. As suas histórias enquadram os assassinatos que prenderam Ansel, mas as suas histórias também são sobre as suas próprias fugas.

Cada mulher é governada pelas consequências das suas ações, ninguém mais que Lila. Grávida aos 17 anos e presa na sua própria casa pelo pai de Ansel logo depois, a sua eventual fuga de um marido abusivo faz com que Ansel e o seu irmão mais novo sejam deixados para trás para se defenderem sozinhos. É uma escolha que certamente salva a vida de Lavender... e pode ter salvo a de Ansel também. Mas para que fim? Para dar à luz um serial killer?



“Notas sobre uma execução”, de Danya Kukafka, WILLIAM MORROW

É um peso impossível para uma mãe imaginar, mas Kukafka lida com isso graciosamente, com empatia e uma beleza terrível e duradoura: “Lavender sabia, então, que o mundo era um lugar misericordioso. Que cada horror que ela viveu ou causou pudesse ser equilibrado com uma bondade tão devastadora. Seria uma tragédia, pensou ela – desumano – se fossemos definidos apenas pelas coisas que deixamos para trás.”

E isso é verdade. Lavender não é definida pelo passado. Nenhum dos personagens é. Eles são assombrados por isso.

Hazel e Saffron enfrentam decisões igualmente assustadoras, se é que isso é imaginável, e em cada caso Kukafka enquadra as suas conclusões com honestidade e olhando para sua própria agência. Eles devem viver, de alguma forma. Dessa forma, “Notas sobre uma Execução” lembra o excelente “Essas Mulheres” de Ivy Pochoda, ambos os romances compartilhando uma narrativa de vítima que é um alívio de ler depois de anos de hagiografia de assassinos em série. Também não é menos emocionante.

“Notas sobre uma Execução” é um romance que define uma carreira – poderoso, importante, intensamente humano e repleto de um exame único da tragédia, onde o leitor fica com uma emoção curiosa: esperança.

Danya Kukafka: Notas sobre uma jovem escritora

A carreira de Kukafka descolou quando ela era apenas uma estudante

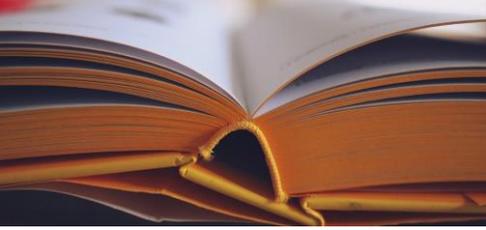
POR JENNIFER LIPMAN, [The Jewish Chronicle](#) 28 DE JANEIRO DE 2022



A carreira literária de Danya Kukafka começou jovem. Sally Rooney é jovem, mas ainda mais jovem, ainda não completou 30 anos e já está em seu segundo romance. O primeiro, escrito quando ela tinha 19 anos e era estudante da NYU, foi aclamado e indicado a prêmios; seu acompanhamento é apontado para coisas maiores. Por direito, ela deveria ser desagradável. Na verdade, ela é calorosa e charmosa quando eu faço uma videochamada para ela em sua casa em Seattle, com seu cachorro Remy aparecendo ao fundo.

Ela sorri quando menciono sua idade. “É tão engraçado, publiquei meu primeiro livro quando tinha 24 anos e quase todas as resenhas mencionavam isso. Parecia um pouco condescendente e também como se eles estivessem tentando me elogiar de alguma forma por ser jovem, o que parecia meio irrelevante, eu tinha exatamente a idade que tinha.”

Ela acha que “há algo a ser dito sobre a perspectiva da geração mais jovem”, mas sugere que ela não é “mais tão jovem. Tenho 29 anos, Sally Rooney está por aí e há outros jovens de 24 anos fazendo um trabalho muito legal.” Ajuda o fato de que, ao contrário de Rooney, Kukafka não está escrevendo sobre as dificuldades de sua geração. True, sua estreia, *Girl in Snow*, apresentava adolescentes, mas seu foco eram os tremores secundários de um assassinato, não a política sexual moderna. O novo romance, *Notas sobre uma Execução*, é um livro totalmente mais ambicioso. Contado a partir de múltiplas



perspectivas, ele traça as últimas horas de um homem no corredor da morte e analisa as mulheres cujas vidas cruzaram as suas. Não é um mistério simples – sabemos o tempo todo que Ansel é culpado – mas cada história avança. Uma verdadeira obsessiva pelo crime, Kukafka cresceu no Colorado assistindo a procedimentos como CSI e Law and Order com sua mãe, mas ficou impressionada com as lentes estreitas de tais histórias. “Você abre o cadáver, os detetives vão à caça, encontram o assassino e a justiça é feita”, diz ela. “Eu estava cansado de ouvir e ver essa história, e isso, combinado com meu amor pelo crime verdadeiro, durante tantos anos me fiz perguntas sobre homens maus, sobre crimes violentos, sobre como pensamos sobre o assassinato, por que o amamos. muito.” Assim nasceu Notas sobre uma Execução. Sua estreia foi comercializada com elogios de Paula Hawkins, da fama de *Girl on the Train*; sem dúvida o livro que lançou uma década de heroínas imitadoras lidando com crimes violentos. Kukafka não critica essa fórmula – “isso é o que *Girl in Snow* é, começa com um cadáver e é um policial” – mas ela queria ir mais longe.

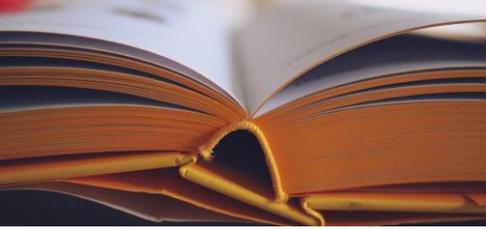
Notas sobre uma execução explora a espinhosa questão de saber se os assassinos - especialmente os serial killers - recebem muita publicidade. No entanto, ao escrever um livro parcialmente baseado na perspectiva de um deles, Kukafka arriscou-se a fazer exatamente isso. Na verdade, enquanto escrevia, ela se lembra de ter assistido “mais um documentário de Ted Bundy” e de ter pensado “por que as pessoas gostam tanto disso, por que estamos tão interessados nisso?” Alguns dos primeiros leitores sugeriram retirar Ansel totalmente, mas ela optou por não fazê-lo “para mostrar o quão desinteressante ele é”. “Ele tem todo esse senso de grandiosidade, ele acredita que é diferente, não apenas mais um bandido. Mas no final ele realmente é, e senti que esse era um aspecto importante.”

Sem revelar muito, o crime pelo qual Ansel é inicialmente acusado é mais comum do que os assassinatos dos quais ele é culpado. Kukafka queria mostrar que não há nada de especial nos serial killers – pelo menos não necessariamente. “Os homens matam mulheres porque têm vontade, não existe uma psicologia mais profunda e interessante”, diz ela. “Ao colocar esse rótulo de ‘assassino em série’, nós os elevamos a algo especial.”

O livro começa desde o início, investigando a traumática infância de Ansel, apresentando-nos sua mãe, Lavender. Kukafka não fez isso para absolvê-lo do crime; na verdade, um dos outros protagonistas, Saffy, tem “traumas e tragédias muito semelhantes” e não passa a ser um assassino. “Portanto, você não pode culpar a criação”, ela enfatiza. “Achei muito gratificante escrever e examinar como as escolhas que fazemos se tornam a história de nossas vidas.”

Tendo iniciado sua carreira editorial, Kukafka agora trabalha como agente literária, adaptando sua escrita a cerca de uma hora todas as manhãs. No entanto, ela tirou uma folga para completar Notas sobre uma Execução, passando um verão inteiro escrevendo uma das protagonistas femininas. Essa exatidão pode ser a razão pela qual ela escreve de forma tão convincente na voz de mulheres com experiências de vida muito diferentes, muitas vezes muito mais velhas. “Você fica sentado com uma pessoa, fictícia ou real, por tempo suficiente, apenas a conhece melhor”, diz ela.

Ela também garantiu que estava escrevendo com precisão sobre a realidade da vida no corredor da morte, entrevistando ex-agentes penitenciários, advogados e juízes. “A prisão sobre a qual escrevi é uma prisão real, é onde ocorre um terço das execuções na América”, diz ela. “Os detalhes são os mais reais que pude encontrar.”



Tendo escrito um livro sobre a pena de morte, Kukafka não apoia esta forma de justiça. Na verdade, ela não vê isso como justiça, mesmo para um homem como Ansel, sem dúvida culpado dos piores crimes.

“Acho que está errado e espero que isso aconteça”, diz ela. “O que realmente me impressiona é a total inutilidade de adicionar mais dor a uma situação já incrivelmente dolorosa.” No livro, um personagem considera que “o verdadeiro castigo seria diferente... como um nada épico e solitário... os anos apodrecendo à medida que passavam”.

Kukafka acredita que a pena de morte faz o jogo dos assassinos em série. “Você recebe a mídia que vem com isso, você recebe o microfone e esse título que te glorifica e, honestamente, pode ser uma espécie de presente para um homem que acredita em sua própria grandeza”, diz ela. “O que eu queria destacar era a inutilidade retrógrada disso. Estamos tentando ter uma sensação de vingança, mas muitas vezes o tiro sai pela culatra. Algo que aparentemente é para as famílias das vítimas e raramente as ajuda de alguma forma real.”

A religião não é mencionada em seus livros, mas é parte fundamental da identidade da autora. Bisneta de um respeitado rabino de Ohio (seu avô também é rabino), sua família “em todos os cantos” é judia.

“Quando adulta, não sou particularmente religiosa, mas identifico-me como muito judia culturalmente, porque foi assim que cresci”, diz ela. “Meus pais se esforçaram muito para garantir que eu estivesse bem conectado à minha identidade judaica e isso é muito importante para mim. Acho que isso afeta muito a maneira como vejo o mundo.”

Na verdade, sua experiência como uma das poucas judias em uma escola de 2.000 alunos ajudou a formar sua compreensão de ser uma estranha, algo que ela utilizou ao escrever os personagens desajustados de *Girl in Snow*. “Havia talvez 15 judeus e todos nós nos conhecíamos”, diz ela. “E isso foi quando referir-se a alguém como 'o judeu' não era tão ofensivo como é agora.” Com parentes em Long Island, a atração por um lugar “com bagels, salmão defumado e barris de pickles, todas as coisas judaicas que nunca comemos no Colorado” era forte e ela se mudou para Nova York ainda estudante. “Foi tão chocante”, diz ela ao chegar a uma cidade onde era uma entre muitas judias. Seu noivo, ele próprio não judeu, cresceu no subúrbio de Westchester, em Nova York, “onde, em sua visão de mundo, 60% do mundo é judeu, ele está quase mais familiarizado com a cultura do que eu, então isso tem sido muito engraçado”.

O casal, que se casou em maio, mudou-se para Seattle há alguns anos e Kukafka está muito mais feliz com um ritmo de vida mais lento. Na verdade, tendo colocado uma pressão significativa sobre si mesma com *Notas sobre uma Execução*, da próxima vez ela quer ir com mais calma. “Estou bem em dedicar mais alguns anos nisso.”

O próximo livro terá um assunto mais leve? Não é uma chance.

“Nada de comédia leve ou romance, isso é certo, vai ser muito sombrio, se eu souber alguma coisa sobre mim mesma”, diz ela. O foco exato muda diariamente, embora ela espere abordar questões sobre as mudanças climáticas. O que isso não fará é basear-se em seus primeiros escritos. Mantendo seu status de prodígio literário, ela enviou seu primeiro livro para agentes com apenas 15 anos e escreveu três romances quando adolescente. Será que algum dia conseguiremos lê-los? “Ah, não”, ela diz. “Ninguém jamais verá a luz do dia.”

Notas sobre uma execução foi publicado pela Phoenix em 3 de fevereiro de 2022

'Notas sobre uma execução' não é um típico romance de *serial killer*

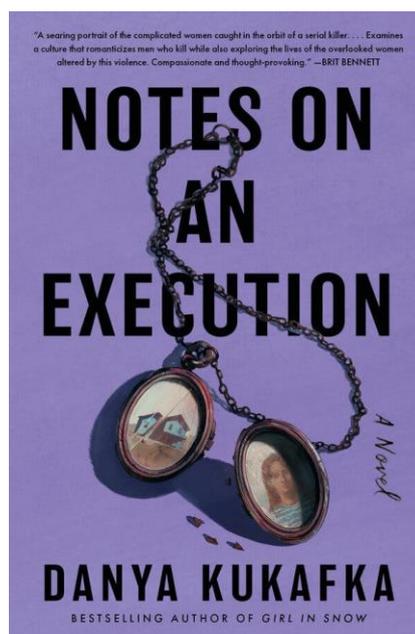
Por Katya Kitamura, 25 de janeiro de 2022 New York Times

Por estranha coincidência, enquanto lia “Notas sobre uma Execução”, o segundo romance de Danya Kukafka, fui seguido online por anúncios da série de televisão “Dexter”. Eles pularam de site em site, imagens do personagem homônimo em um suéter de gola alta, fazendo diversas poses de ameaça e sedução: o ideal do serial killer americano.

Apesar de todo o seu desconforto, a figura do assassino em série tem sido uma presença constante na cultura popular, ao mesmo tempo enormemente lucrativa e surpreendentemente tenaz. Segundo o Google, existem “pelo menos cinco” filmes sobre Ted Bundy e “pelo menos 15” sobre Charles Manson. Os serial killers proliferam em séries de televisão e livros de todos os gêneros. Mas a figura que emerge nestas obras - monstruosa, encantadora, sedutora e hiperinteligente - tem menos a ver com a realidade das pessoas que cometem estes crimes e mais a ver com a forma como vivenciamos e explicamos o nosso fascínio sinistro pela violência e pelos extremos. .

Em “Notas sobre uma Execução”, Kukafka procura interrogar essa preocupação cultural e esse clichê. O romance se concentra em um homem no corredor da morte chamado Ansel Packer. Quando conhecemos Ansel, ele foi condenado pelo assassinato de várias mulheres e será executado em 12 horas. O relógio do romance, o poço de tensão do qual ele se alimenta, é a execução pendente de Ansel.

Mas mesmo que os crimes e punições de Ansel forneçam o princípio organizador do romance, Kukafka parece mais interessado no que acontece quando a ideia do serial killer é posta de lado. Que perguntas podem ser feitas e que coisas podem ser vistas além da sombra de uma construção arraigada?



O romance alterna entre duas linhas do tempo: o dia da execução de Ansel e a história mais extensa de sua vida, desde a infância até o encarceramento atual. O último enredo é contado principalmente do ponto de vista de três mulheres cujas vidas são, de diferentes maneiras, prejudicadas por Ansel. Eles incluem sua mãe, Lavender, que foge de um casamento violento e abusivo, deixando os filhos para trás, para depois procurá-los; Saffy, um detetive de homicídios que foi atormentado por Ansel quando criança e eventualmente o persegue e prende; e Hazel, a irmã gêmea de sua esposa.

Kukafka se move com agilidade entre essas múltiplas vertentes, tendo usado uma estrutura semelhante em seu romance de estreia, "Girl in Snow". Esse romance é um projeto mais convencional, abrindo com a imagem de um corpo feminino morto e mergulhando em outros clichês do gênero suspense. A estudante assassinada é conhecida principalmente como objeto de desejo sexual; o desfecho da história, uma reviravolta na trama de infidelidade, é simultaneamente eficaz e familiar.

Em contraste, em "Notas sobre uma Execução", Kukafka pretende desfazer algumas destas convenções, incluindo a preocupação com mulheres mortas, a fim de explorar um terreno mais ambíguo e ambicioso. Este romance está desafiadoramente povoado de mulheres vivas; reflete sobre o trauma, o sistema de justiça criminal e a culpa. A tensão narrativa que anima "Garota na Neve" está novamente presente, mas desta vez tem uma fonte diferente. Não há dúvida de quem fez o quê, ou mesmo por quê. Em vez disso, é a inevitabilidade da execução de Ansel e o abismo moral da pena capital que inunda o romance de pavor.

Astutamente, as seções de Ansel são escritas em segunda pessoa – um discurso "você" projetado tanto para envolver os leitores quanto para atraí-los para o ato de empatia que sublinha toda leitura. Estas seções são desconfortáveis, primeiro devido à sua proximidade com alguém que matou várias mulheres e depois devido à sua proximidade com alguém que está prestes a ser executado pelo Estado. Dessa forma, o romance leva o leitor a pensar tanto nos usos quanto nas limitações da empatia na ficção. O leitor nunca se identifica totalmente com Ansel, mas parece ser precisamente esse o ponto: não precisamos de nos identificar com ele para compreender que a sua execução é um horror e um ultraje.

Em outro lugar, Kukafka usa a narrativa multifacetada para abordar a vida das mulheres na órbita de Ansel. "O livro pertence, em vez disso, às mulheres irrevogavelmente transformadas pelas suas ações", escreveu Kukafka numa "carta ao leitor" incluída em cópias antecipadas do livro. A estrutura do romance parece fazer parte dessa designação, dedicando longas seções a cada uma das três personagens femininas. O mesmo acontece com a sua conclusão, uma breve mas poderosa invocação das vidas que as mulheres assassinadas poderiam ter levado.

"Notas sobre uma Execução" é em parte, e muitas vezes de forma poderosa, um romance sobre essas mulheres. Mas também é verdade que Ansel permanece no centro do romance, funcionando como o espaço conceitual negativo da história. Ele e seus crimes continuam sendo o eixo em que a história gira. As seções de Lavender, Saffy e Hazel são sequenciadas de acordo com a linha do tempo de sua vida, começando com sua infância e passando até a idade adulta e eventual captura. Dessa forma, suas seções são estruturadas e até mesmo instrumentalizadas pelas demandas da biografia do serial killer.

E por mais que o romance queira dismantelar o mito do serial killer, em muitos aspectos, o Ansel que surge - particularmente nas seções centradas nas várias mulheres - o reforça. Existem elementos biográficos familiares (traumas de infância, delírios de grandeza intelectual, impotência esporádica), e depois há os seus extraordinários poderes de persuasão pessoal.



“Notas sobre uma Execução” é o segundo romance de Danya Kukafka. O primeiro foi “Girl in Snow”. Crédito...Devin Muñoz

Durante todo o filme, Ansel é retratado como possuidor de um carisma sexual quase implacável. Ele é descrito por Hazel como “um ímã humano”. Sua presença desperta uma resposta física extrema nas mulheres. Ao conhecê-lo, Hazel cora “de atenção”, e quando ele estende a mão para pegar a dela, “Hazel reuniu os músculos de seu abdômen - todo o corpo gira em torno do núcleo”. Para Saffy, até a ideia da notificação de Ansel é fisicamente eletrizante: “O pensamento se espalhou por sua barriga e depois desceu por suas pernas. Líquido quente, emocionante.”

Há algo surpreendentemente uniforme e um pouco redutor nessa reação feminina. Uma vez fora da presença imediata de Ansel, esses personagens passam a existir. Em particular, as relações entre mulheres – irmãs, amigas, colegas – são lindamente desenhadas, densas em detalhes e especificidade. Vemos Lavender lutando com seu trauma dentro de uma comunidade de mulheres na qual ela buscou refúgio, Hazel negociando os limites de seu vínculo com sua irmã e Saffy gerenciando relacionamentos complexos com amigos e mentores.

E como ela faz em “Girl in Snow”, Kukafka evoca a névoa desarmante da dor, sua ilógica selvagem, seu poder transformador. Enquanto Hazel luta contra uma perda devastadora, o romance oferece um poderoso lembrete de como o luto é muitas vezes uma expressão de amor. No horror de Lavender pelos crimes cometidos por seu filho, a culpa, a negação e o arrependimento complicam e dão dimensão à sua angústia.

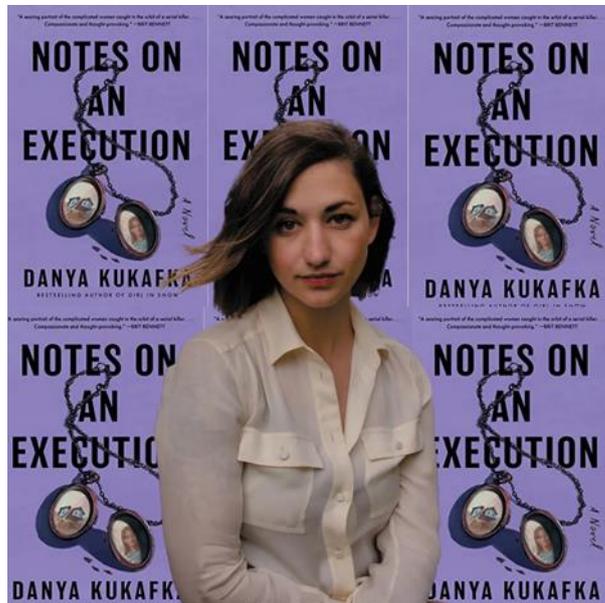
“Notas sobre uma Execução” é matizado, ambicioso e convincente. Perversamente, parte do poder propulsor do romance vem das próprias convenções que ele não consegue abandonar. A sedução da narrativa do serial killer é difícil de abalar, tanto para o leitor quanto para o autor. Continuamos observando e virando as páginas. Em nosso fascínio, estamos todos implicados.

Danya Kukafka

Sobre o apagamento de mulheres em crimes reais, seu processo de escrita meditativa e seu último romance, “Notas sobre uma execução”

por Kailey Brennan Dello Russo

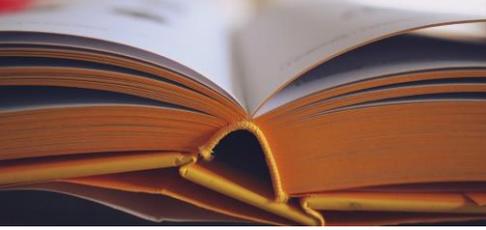
24 DE JANEIRO DE 2022



Com o gênero do crime verdadeiro crescendo em popularidade, é de se perguntar: por que estamos tão interessados em homens violentos? Embora eu seja fascinado por todas as coisas relacionadas a serial killers, acompanhando os últimos documentários e podcasts, também estou enjoado com meu próprio interesse por esses homens, homens com quem só agora nos importamos porque machucaram mulheres.

No último romance de Danya Kukafka, *Notas sobre uma Execução*, as mulheres são as estrelas desta história. O assassino Ansel Packer está no corredor da morte, esperando para morrer. A contagem regressiva começou. Através de uma prosa extremamente rica e intuitiva, aprendemos sobre a vida da mãe de Ansel Packer, da irmã de sua ex-mulher e da policial que resolve seu caso. É através destas histórias de feminilidade que a narrativa exausta do serial killer americano e das mulheres negligenciadas afetadas pela sua violência é invertida. Em seu lugar, Kukafka criou um romance impressionante e inesquecível sobre resiliência e sobreviventes.

Tive o prazer de conversar com Danya sobre o apagamento das mulheres em crimes reais, o poder transformador da escrita em segunda pessoa, seu processo de escrita meditativa e a pesquisa envolvida para escrever seu último romance, *Notas sobre uma Execução*.



Kailey Brennan DelloRusso : Na introdução do livro, você explica que Notes on an Execution foi criado a partir do desejo de dissecar a narrativa exausta dos serial killers. “Aquele em que você glorifica os homens comuns que machucam as mulheres.” Isso está perfeitamente colocado. Houve um momento específico para você em que você estava bem, já é o suficiente, ou foi uma percepção crescente?

Danya Kukafka: Foi uma constatação crescente que ocorreu ao longo de décadas. Eu cresci assistindo TV policial em rede, o que adorei e ainda gosto. Law and Order SUV sempre foi meu favorito. Cresci assistindo mentes criminosas com minha mãe todas as noites antes de dormir. Assistimos CSI: Miami e todas as Leis e Ordens. E eu senti que isso não pode ser toda a história. Vemos essa narrativa repetidas vezes. O show começa com o cadáver, os detetives entram, resolvem o assassinato, a justiça é feita. Mesmo quando adolescente eu pensava: e quanto a todo mundo? E isso me levou, por muito, muito tempo, a pensar sobre o crime e, particularmente, sobre os homens violentos. Muitas vezes são reduzidos a estereótipos e as mulheres que matam são apagadas. E isso é tão frustrante para mim. Estou cansado disso.

KBD : Sim. Todo o gênero do crime verdadeiro é tão interessante para mim porque estou pensando nos novos documentários que serão lançados e então espero. Por que estou tão animado para assistir isso? Geralmente fico me sentindo inseguro.

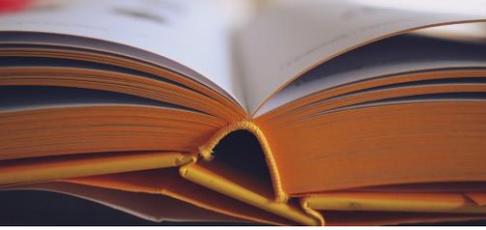
DK: Tenho me perguntado isso há muitos e muitos anos. À medida que fui crescendo e comecei a pensar de uma forma mais feminista sobre gênero, sobre violência e vulnerabilidade feminina, comecei a perceber que o ângulo do verdadeiro mundo do crime é realmente problemático. Como diz a nota na frente do [meu] livro: “os homens se tornam interessantes quando começam a machucar as mulheres”. Acho que isso é verdade pela forma como o crime verdadeiro tem sido abordado por muitos e muitos anos. Eu queria virar isso um pouco de cabeça para baixo.

KBD : Sim, definitivamente. Foi isso que me atraiu neste romance também. E fiquei realmente impressionado ao ver como você conseguiu nos transmitir a interioridade dessas mulheres de uma forma tão honesta. Eu simplesmente senti que seus desejos, que muitas vezes eram confusos ou feios, eram tão precisos e criavam uma narrativa tão rica. Fiquei curioso para saber como você, como escritor, chegou tão perto de seus personagens. É preciso muito rascunho e descobri-los ao longo do caminho? Ou eles vêm até você antes da trama?

DK : Acredito que o enredo vem sempre do personagem, mas também chego muito perto com o tempo. Apenas o tempo sentado com eles, o tempo gasto com eles, desenhando e reformulando e cavando e cavando até chegar a esse coração. E para mim, isso na verdade parece, no sentido técnico, como redigitar. Redigitei todas as cenas deste livro muitas, muitas, muitas vezes. Esse é o meu processo de revisão: colá-lo em uma guia separada e redigitar o que tenho. Acho que é uma maneira de aprimorar cada pequeno detalhe. À medida que o fluxo se torna claro, o mesmo acontece com o caráter e as frases. Você redigita várias vezes e, eventualmente, isso é feito. (risos)

KBD: Você descreve?

DK : Ah, Deus. Eu tento. Tento delinear. Cada vez que me sento e digo à minha agente que vou delinear isso, ela apenas ri da minha cara. Continuo tentando delinear e não funciona para mim. Acabei descrevendo este livro como um livro totalmente diferente que realmente não funcionou. Foi contado metade da perspectiva de Ansel durante toda a sua vida e metade da perspectiva de um personagem que quase não existe mais. Azul. Esbocei um livro que achei totalmente razoável e viável e o enviei ao meu agente. E foi chato. Simplesmente não era o livro certo e não tinha o ângulo certo. Ela me disse:



e as mulheres? E foi isso que desencadeou o desperdício de muitos anos de trabalho, a reformulação completa, a descoberta dessas mulheres e a convivência com elas durante anos. Tudo isso para dizer, tentei delinear. Absolutamente não.

Alguém me perguntou recentemente se eu tinha gavetas e mais gavetas de manuscritos jogados fora de ideias que não funcionam. Eu pensei, não, eu não tenho nada disso porque quando tenho uma ideia que não funciona, eu apenas mudo até que funcione. Acho que foi isso que aconteceu aqui.

KBD : Eu adoraria falar sobre o uso da segunda pessoa nos capítulos de Ansel. Esse pode ser um tempo muito complicado e achei que você fez isso de maneira brilhante. Essa sempre foi sua primeira escolha ao escrever esses capítulos na perspectiva de Ansel?

DK : Essa é uma ótima pergunta. Na verdade, cheguei bem tarde no processo de redação – eu diria que cerca de três em cinco anos depois de escrever isso, quando descobri a segunda pessoa. Ansel sempre foi escrito na terceira pessoa e pareceu muito monótono para mim. Parecia que algo estava faltando. Na verdade, eu estava assistindo a um daqueles muitos documentários de Ted Bundy e me perguntei a pergunta sobre a qual estávamos conversando: por que amamos tanto esse cara? Por que amamos tanto todos esses homens maus? E eu tive esse momento relâmpago em que pensei, estamos curiosos para saber como é lá, em suas cabeças confusas. Queremos de maneira sombria e mórbida ver como é ser essa pessoa. Tenho que colocar o leitor dentro da cabeça dele. Tem que ser você". Eu literalmente redigitei palavra por palavra, o que eu tinha da terceira pessoa para a segunda pessoa e isso simplesmente ganhou vida. Foi fantástico. Eu realmente nunca tive uma experiência assim.

KBD : Uau. Depois daquele momento relâmpago, você encontrou algum desafio ao usar aquela voz ou simplesmente sentiu que era isso?

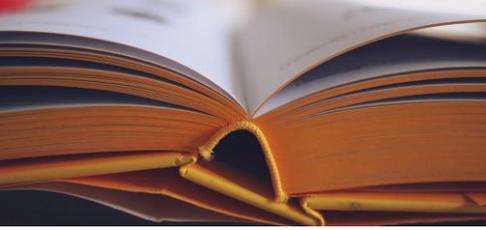
DK: Foi muito desafiador até aquele ponto. E então eu pensei, ah, aí está. Foi a última peça do quebra-cabeça. Eu passei muito tempo hesitando e questionando se essa era uma história digna, por que era tão monótona e por que não conseguia fazê-la parecer viva. Assim que acertei aquela segunda pessoa, pensei, aha, aí está. E é engraçado – não sei como ou por que isso mudou, mas definitivamente mudou.

KBD: Sim. Eu sinto que a segunda pessoa é uma coisa mágica. Tive experiências e conheço outros escritores com quem conversei também, onde há um assunto que é realmente difícil e você simplesmente não entende. Então, apenas brincando com a segunda pessoa, algo acontece. É tão interessante.

DK: Totalmente. E é engraçado porque às vezes tenho dificuldade em ler um livro inteiro na segunda pessoa, mas como isso já estava dividido da maneira que estava, funcionou para mim. Mas, novamente, não acho que poderia funcionar como um livro completo.

KBD : Então, qual é um dia típico de escrita para você? Você é um escritor comum ou como é isso?

DK : Sim. Eu sou um escritor cotidiano. Acho que mudou ao longo dos anos entre meu primeiro livro e meu segundo livro. Agora, enquanto trabalho no terceiro, parece diferente para todos eles. Com meu primeiro livro, escrevi enquanto estava na escola e trabalhando em tempo integral. Para o meu segundo livro, este livro, deixei meu trabalho editorial para escrever em tempo integral e estava tentando me forçar a escrever cinco horas por dia e descobri que isso era absolutamente miserável. E agora encontrei um meio-termo em que trabalho como agente literário. Portanto, tenho um trabalho de tempo integral além de escrever, mas é um trabalho de tempo integral muito flexível. Consigo ficar sentado por uma ou duas horas todas as manhãs, o que descobri ser meu ponto ideal. Então, quando



me sento, geralmente é logo depois de passear com o cachorro e verificar todos os e-mails urgentes do meu trabalho editorial. Então eu desligo tudo. Acendo uma pequena vela. Tenho um diário de processos e acompanho as horas que trabalho. Acho que isso é um marcador melhor para mim do que contar palavras, porque muitas vezes você fica sentado lá por uma hora e tudo bem - isso conta (risos). Na verdade, mantenho um diário de processo muito intensivo. Escrevi um pouco sobre isso na minha página do Instagram , se quiserem ver mais.

KBD : Na verdade, lembro de ter visto isso!

DK: Ah, ótimo. Quero fazer mais postagens como essa porque acho que as pessoas as acharão úteis. Mas todos os dias, quando me sento, registro o número de horas que escrevo. Eu escrevo o que fiz naquele dia. Eu escrevo o que está funcionando, o que não está funcionando e o que vem a seguir. Acho que essa é uma ótima maneira de me lembrar que, mesmo que não haja mil palavras escritas naquele dia ou qualquer que seja seu objetivo arbitrário, você ainda está fazendo o trabalho. Você ainda está sentado aí. Você ainda está desligando tudo, vivendo dentro da história. E isso é o que mais importa. É assim que você realmente escreve o livro.

KBD : Eu adoro isso. Eu vou tentar.

DK: Por favor! Meu objetivo é passar a palavra.

KBD: Bem, especialmente quando você está revisando, você não pode dizer ah, escrevi 1000 palavras hoje, então posso ver como isso seria útil.

DK: Estou tentando ver isso agora – tendo realmente me esforçado dessa forma incrivelmente cansativa e autopunível ao escrever o livro dois – mais como um ato de meditação e auto-conexão do que o desejo de provar meu valor ou um emprego. ou o que quer que seja. Sempre será um trabalho e nunca será divertido, mas também não acho que a meditação seja particularmente divertida. (Risos) Então, estou tentando encarar isso como algo que preciso fazer pela minha alma e bem-estar, em vez de algo que considero mais cruel.

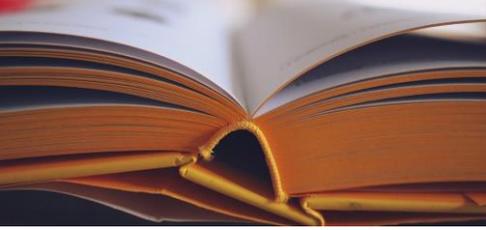
KBD: Sim. Eu amo isso. Qualquer maneira de fazer com que o trabalho pareça menos trabalho é sempre uma coisa boa. (risos)

DK: Exatamente!

KBD: Já que este livro aborda os elementos psicológicos de um assassino, que tipo de pesquisa você teve que fazer?

DK: Eu fiz bastante. Então, em termos de pesquisa sobre assassinos, me apoiei bastante nas trupes que já existem e tentei criar um personagem que fosse fiel a si mesmo, e não apenas uma coleção de tropos. Acredito que mesmo as piores pessoas do mundo são pessoas e têm traços de caráter próprios. Eles têm uma vida inteira além das coisas ruins que fizeram. E eu queria mostrar isso também. Mas eu queria mostrar isso além de não deixá-lo fora de perigo.

Em termos de assassinatos, acho que já tinha muito disso no banco por consumir tanto da mídia. Mas eu, é claro, fiz algumas pesquisas filosóficas bastante sérias sobre o crime. Uma das minhas peças favoritas é de Sarah Marshall em *The Believer*, chamada “ The End of Evil ”. É sobre visitar a prisão onde Ted Bundy foi executado. É absolutamente maravilhoso. Realmente questiona a ideia do psicopata que achei completamente fascinante. Recortei algumas citações dessa peça e coleí-as acima



da minha mesa durante muito tempo enquanto escrevia este livro. A ideia de que chamar alguém de psicopata elimina de certa forma sua humanidade. É uma forma de descartá-los em vez de nos permitirmos realmente ter medo de sua humanidade. Achei isso realmente fascinante.

E então, em termos de outras pesquisas, tive que fazer muitas pesquisas sobre prisões. Na verdade, contratei um assistente de pesquisa – grite para Dylan Simburger! Ele era um Ph.D. estudante que morava em Houston, que pôde conversar com ex-agentes penitenciários da prisão onde o livro se passa. Ele conversou com alguns juízes e alguns advogados. Nós dois estávamos muito cautelosos ao fazer contato com os presidiários, mas encontramos alguns sites de presidiários que foram muito, muito úteis em termos da vida diária nesta prisão específica. Ele me ajudou com os procedimentos policiais também. Pesquisa nesse sentido, no sentido muito, muito detalhado, é a coisa que menos gosto, o que sei que é raro para um escritor. A maioria adora pesquisar. Não é minha geléia. Fiquei emocionado por poder contratar alguém que adora fazer isso.

KBD : Então você já nos deu muitos conselhos durante toda a entrevista, mas eu não sabia se havia algum conselho específico, talvez quando você estava trabalhando neste romance, que você poderia dar aos escritores que estão trabalhando nele. seu primeiro romance. Esta é uma pergunta egoísta porque atualmente estou trabalhando na minha primeira. (risos)

DK : Direi que a principal coisa que aprendi neste romance e que realmente quero trazer para o meu próximo romance é que o processo é apontar. Escrever o livro é o objetivo, não ser publicado. Quero dizer, a publicação é um mundo totalmente separado da escrita do livro em si. O processo é o motivo pelo qual você está nele. Acho que é muito, muito difícil lembrar disso. Cheguei a um certo ponto com este livro em que, emocionalmente, desisti completamente da ideia de vendê-lo, porque não estava funcionando. Eu estava tipo, isso simplesmente não vai ser um livro. Tive que sentar e me perguntar: se você nunca vender este livro, se nada acontecer, se você for um grande fracasso, etc., etc., você precisaria escrevê-lo de qualquer maneira, para si mesmo? E a resposta foi sim. Foi assim que consegui continuar – percebendo que tinha que escrevê-lo independentemente do que acontecesse e que precisava do processo para terminá-lo. Eu acho que para mim é assim que vou começar a olhar daqui para frente, sabe?

Aquelas horas em que você fica sentado à mesa, esse é o objetivo de tudo. Na verdade, não está a serviço de um objetivo maior. Muitos escritores estreados pensam, ah, quando eu for publicado, isso será mais fácil. Minha vida vai mudar. E definitivamente não fica mais fácil. O processo sempre será o que é. Apreciar isso e perceber que o objetivo de escrever é a escrita física, o ato de sentar em sua mesa e fazer aquela meditação todos os dias. É por isso que você está nisso. Apenas lembre-se disso e aceite isso como realmente é. É mais fácil falar do que fazer (risos), mas vou tentar isso da próxima vez.

KBD : Eu amo muito isso. Esse é realmente um conselho importante porque leva muitas horas e até anos.

DK : Sim. E pode parecer interminável. Olhar para isso como se houvesse um fim à vista é, eu acho, meio infrutífero porque, idealmente, nunca há um fim à vista. Você sempre estará escrevendo. Saber que essas horas são o objetivo de tudo é muito útil para mim.

Danya Kukafka é autora do best-seller internacional Girl in Snow . Ela se formou na Gallatin School of Individualized Study da Universidade de Nova York. Ela trabalha como agente literária.